

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
12 de janeiro de 2023

A CAÇADA DO MALHADEIRO / 1967

um filme de Quirino Simões

Realização: Quirino Simões / **Argumento:** Quirino Simões baseado em *A Caçada do Malhadeiro* de Conde de Ficalho / **Fotografia:** Aurélio Rodrigues / **Música** (Guitarra Clássica): Duarte Costa / **Montagem:** Fernanda Santos, Quirino Simões / **Iluminação:** João de Almeida / **Decoração e Vestuário:** Quirino Simões / **Som:** António Inocêncio / **Intérpretes:** Fernando Gusmão (José o Pai), Carmen Mendes (Ana a Mãe), Rui Mendes (Joaquim o Filho), Baptista Fernandes (Fouet), Serge Farkas (Luc), Vítor Gomes (Antoine), Cunha Marques (Jean), Ana Leiria (Maria a Filha), António Évora (Pierre), Esmeralda Farkas (Cunhada de José), Almeida Santos (Irmão de José), Mário Jacques (Robert), Fernanda Assunção.

Produção: Tobis Portuguesa – Produções Cinematográficas Perdigão Queiroga. / **Direção de Produção:** Quirino Simões / **Distribuição:** Imperial Filmes / **Estreia:** Odeon e Europa, a 31 de Janeiro de 1969 / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, 82 minutos.

A Caçada do Malhadeiro é apresentado com **Três Dias Sem Deus**, também de Louis Malle (“folha” distribuída em separado).

Rodado em 1967 e estreado a 31 de janeiro de 1969, nos cinemas Odeon e Europa, em Lisboa, A CAÇADA DO MALHADEIRO teve a sua primeira exibição na Cinemateca (,e até hoje, única) apenas em 2016. Um dos inúmeros filmes esquecidos e há muito invisíveis da cinematografia portuguesa, tinha tido em setembro do anterior uma sessão no Cinema São Jorge, na edição do festival MotelX no âmbito da rubrica Quarto Perdido dedicada ao cinema de terror português.

Foi realizado por Quirino Simões, oficial da Força Aérea portuguesa, então com 36 anos e a patente de tenente (tendo chegado posteriormente a coronel) e com experiência cinematográfica enquanto realizador de inúmeras curtas-metragens e documentários – como T-37, premiado em Turim, OS PARAQUEDISTAS, A PEGA, GUINÉ 68 OU NA MINHA ALDEIA CERVEJA A COPO. Foi ainda chefe dos Serviços de Cinema da Força Aérea e director da Secção de Cinema das Forças Armadas.

Produzido pela Tobis portuguesa com financiamentos do Fundo de Cinema Nacional e do SNI (Secretariado Nacional de Informação), o filme é uma adaptação de um conto homónimo do Conde de Ficalho, D. Francisco Manuel de Mello Breyner, que aborda o confronto entre um grupo de soldados napoleónicos em debandada, após o insucesso da invasão, com uma família portuguesa. Assaltam a casa desta família e violam uma rapariga, sendo depois perseguidos pelo pai e o irmão da rapariga, que os vão liquidando um após outro. Tratava-se da primeira abordagem cinematográfica

portuguesa das invasões francesas, que só com AS LINHAS DE WELLINGTON, em 2012, volta a ser assunto do cinema português.

Apesar do filme ter este financiamento, foi produzido com poucos meios, tirando partido dum pequeno grupo de actores e das paisagens naturais. Sendo de realçar, apesar de inúmeras dificuldades, o desempenho de alguns dos actores e a fotografia de Aurélio Rodrigues, colaborador habitual de Jorge Brum do Canto. Não por acaso, Quirino Simões além de realizador ocupa, no filme, as funções de director de produção, montador, argumentista e autor dos diálogos, e ainda responsável pelo guarda-roupa e décors.

Apesar de ser um realizador conotado com o regime e dos financiamentos do filme, tal não impediu que a censura do Estado Novo impusesse o corte de parte da cena de violação e, na cena final, o acto de espetar a espada na areia, sinal de abandono da ética militar.

É pois um objecto curioso que, com a devida distância, deverá poder ter a possibilidade de novas leituras passados mais de 50 anos, tal como outros filmes produzidos no mesmo ano, casos de 7 BALAS PARA SELMA, OPERAÇÃO DINAMITE, UM CAMPISTA EM APUROS, FIM DE SEMANA COM A MORTE OU A CRUZ DE FERRO.

Quirino Simões continuou a sua carreira enquanto realizador de documentários militares, até 1974. Desde então só voltou à realização em 1991 com a sua segunda ficção de longa-metragem ETERNIDADE.

Manuel Mozos